

PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DAS ESCOLAS DO CAMPO EM MOVIMENTO

SIOMARA CÁSSIA DE OLIVEIRA
ANA CHRISTINA DUARTE PIRES

RESUMO

As escolas itinerantes do campo, através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, durante os seus vinte e cinco anos de formação, vem discutindo a educação dentro dos espaços de sua organização, visando conquistar uma educação que contribua para que os trabalhadores rurais se apropriem de sua história, tornando-se sujeitos com consciência e capacidade de transformar a realidade social da qual fazem parte. Trata-se de uma educação que combina o estudo com o trabalho, cultura e organização coletiva, cooperação agrícola e solidariedade, uma educação que recupere valores socialistas. No decorrer de sua estruturação, o MST construiu um método próprio de formação vinculado aos desafios histórico-sociais e à reivindicação da reforma agrária. Dessa forma, a trajetória histórica de participação na luta de classes e através de seus objetivos, princípios, valores e organização que o movimento busca para as suas práticas educativas. Ao mesmo tempo em que começa a refletir sobre elas e percebe que deve ajudar a produzir seres humanos capazes de assumir o comando de seu próprio destino histórico.

Palavras-chave: Pedagogia, Movimentos Sociais, educação do campo.

1 CONTEXTO

Este trabalho está embasado nos princípios pedagógicos adotados pelas escolas dos Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Escolas que foram idealizadas pelas famílias dos Trabalhadores Sem Terra, preocupados com a escolarização de seus filhos ausentes das escolas oficiais, ou freqüentando uma escola geograficamente distante, quanto distante da sua realidade.

Freqüentar as escolas tradicionais, para muitas famílias de Trabalhadores Rurais Sem Terra era deixá-los sofrer, muitas vezes, discriminação pela comunidade urbana, principalmente dos profissionais da educação e dos alunos, que não compreendiam a ideologia dos movimentos sociais e os motivos que levaram esses trabalhadores a se organizarem na luta pela terra. O sistema capitalista vigente e o consumismo desenfreado que presenciamos através de materiais escolares, roupas, tênis, bonés, celulares que os alunos ditos “urbanos” usavam e as carências presenciadas nos alunos sem terra se tornaram fator determinante à exclusão escolar desses alunos.

Os Sem Terrinhas, como são conhecidos os filhos dos trabalhadores sem terra, não se sentiam pertencentes à escola, pois a escola dita “urbana”, não se encontra preparada para receber a diversidade, segundo (Machado, 2003, p.125) destaca que: De fato, a escola, tal como conhecemos e vivenciamos hoje, é objeto de muitas críticas por parte de seus freqüentadores quanto ao tédio e distanciamento da realidade. O seu caráter obrigatório, também, é considerado como fator de rejeição às atividades propostas por ela, que são cumpridas, quase sempre, como algo penoso, não agradável. Três fatores encontram-se diretamente vinculados a esse problema, cuja raiz é a própria forma de organização escolar: as relações de poder instituídas, o estudo sem exame crítico da realidade e a fragmentação disciplinar.

O objetivo principal da escola é transmitir os conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade, além das disciplinas como Língua Portuguesa,

matemática, geografia, história etc..., ela também ensina atitudes, valores, e comportamentos, responsáveis pela formação humana, mas como podemos ensiná-los se a aprendizagem tem se tornado penosa, se os conteúdos são apresentados fragmentados, sem sentido, sem partir da realidade vivenciada do aluno.

Outro fator relevante está no próprio espaço da escola, que para os alunos resume-se em um espaço pequeno, com várias carteiras enfileiradas, um observando a nuca do outro, uma lousa e um professor tentando fazer um depósito “bancário” de conhecimentos, na esperança de sacar no final do bimestre através de uma prova, donde ele poderá dar uma nota, sem levar em conta os fatores que circundam o aluno naquele momento.

Considerando a realidade da escola pública oficial atual, o fato de muitas crianças perderem o ano letivo, devido à itinerância das suas famílias, e as dificuldades enfrentadas pelas escolas e secretarias de educação, quando essas crianças se instalam nos acampamentos e precisam ser matriculadas durante o andar das aulas, o Setor de Educação do MST, viu a urgência de buscar novas possibilidades de fazer a escola, para atender as necessidades dos acampados, visando uma escola que caminhasse junto com os acampados, que respeitasse a sua realidade.

As escolas Itinerantes, no campo político, ajudaram a construir importantes aprendizados como a luta por uma escola de qualidade, a garantia da escolarização oficial próxima às famílias consolidando, assim, a identidade camponesa.

O processo educativo pelo qual o MST vem construindo sua identidade histórica e sua forma de organização está nos mostrando uma nova forma de fazer e pensar educação, que vem surgindo como uma possibilidade histórica de transformação educacional da sociedade, não apenas como uma pedagogia do campo e somente para o campo.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Dentre muitas experiências e práticas pedagógicas vivenciadas na Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira, na cidade de Jacarezinho PR, escola que completou em 2010 seu segundo ano de existência, mas com um potencial educacional grandioso, onde o seu fazer pedagógico já atraiu pesquisadores do Chile, da Índia e de várias Universidades brasileiras, com o intuito de conhecer e compreender os princípios pedagógicos adotados.

A pedagogia do MST difere dos modelos tradicionais de ensino, pois apresenta novas possibilidades que a sociedade já desenvolve informalmente, como o princípio “**educação para o trabalho e pelo trabalho**” e para que se entenda a relação que há entre esse princípio e a escola, e qual é a sua importância, temos que entender o que é educar.

Segundo a pedagogia Russa Krupshaya:

“Educar é preparar pessoas integralmente desenvolvidas, com instintos sociais conscientes e organizados, possuidores de uma visão de mundo refletida e íntegra, que tenham clara compreensão de tudo que ocorre ao seu redor, na natureza e na vida social; pessoas preparadas na teoria e na prática para todo o tipo de trabalho, tanto manual como intelectual, que saibam construir uma vida social racional plena, bonita e alegre...”.

Baseado nessa definição supra mencionado, as escolas itinerantes adotaram “Todos ao trabalho” como um princípio pedagógico, mas não ao trabalho remunerado, exploração de crianças, mas sim do trabalho pelo aprendizado, pois o que mais educa as pessoas são suas ações, as suas práticas do dia a dia.

O trabalho educa produzindo conhecimentos e criando habilidades nas pessoas, ele educa formando a consciência das pessoas, ele educa provocando necessidades humanas superiores, ele ajuda a preparar os sujeitos para a vida e é através dele que os sujeitos constroem a sua própria felicidade, essas são algumas razões que justificam a proposta de que a escola se junte com o trabalho, pois essa junção está repleta de potencialidades pedagógicas.

A função social da escola é a produção de conhecimentos científicos necessários à vida pessoal e à vida social, a escola não pode ser um local apenas de teorias conteudista, bancária, e sim de teorias e práticas sociais concretas que os alunos estejam envolvidos, que ela busque no mundo do trabalho e da produção uma das matérias-primas principais para o estudo, pelo sentido social e útil deste tipo de aprendizagem e pela motivação para o estudo que geralmente provocam.

Segundo Gadotto (1993, p. 143): apud Camini p. 75:

“Ferrière criticava a escola tradicional, afirmando que ela havia substituído a alegria de viver pela inquietude, o regozijo pela gravidade, o movimento espontâneo pela imobilidade, as rizadas pelo silêncio. Foi o primeiro a formular o novo ideal pedagógico, afirmando que o ensino deveria dar-se pela ação (“learning by doing”) e não pela instrução, como queria Herbart.”

Uma das atividades destinadas às crianças é cuidar da horta, elas produzem as verduras e legumes que ajudam a enriquecer suas merendas, e junto com seus professores fazem uma junção entre a teoria e a prática, ensinar para uma criança sobre os componentes do solo, como se dá à germinação das plantas, a fotossíntese, o metro quadrado, a área, a higiene, as vitaminas, entre outros componentes curriculares se torna uma tarefa de fácil compreensão para o aluno, que ao se apossar das teorias tem a oportunidade de colocá-las em prática.

“... na base do trabalho escolar devem estar o estudo do trabalho humano, a participação nesta ou naquela forma de trabalho, e o estudo da participação das crianças no trabalho..”

(Pistrak 2000 pg 50)

O trabalho produtivo dos alunos não se resume em horta, existem muitas outras demandas de trabalho a serem assumidas pelos alunos, como trabalhos ligados à administração da escola, como a biblioteca, a secretaria, as finanças, o mural, produzir o jornal da escola e temos também os trabalhos ligados à cultura e a arte, como os grupos musicais, o teatro, a dança, místicas, e outras atividades que sejam desenvolvidas de fato como trabalho, dependem das capacidades que se objetiva desenvolver neles.

Na maioria das atividades, os educandos são organizados em setores, e também é de responsabilidade dos setores a administração das mesmas, esses setores desenvolvem pequenas atividades disponibilizando uma pequena parcela de hora, que geralmente é proposto no planejamento como tempo-extra, não ocasionando a perda de horas aulas previstas.

Em uma escola do trabalho, como a escola Itinerante, se dá ênfase ao trabalho, mas não se estuda somente pelo trabalho, e muito menos só sobre o trabalho rural. A sua função é a socialização de conhecimentos adquiridos historicamente pela sociedade buscando ampliar a visão de **mundo** de cada aluno e do conjunto da comunidade.

No desenvolver desse princípio pedagógico, deparamos com outro princípio do Movimento “**a relação entre a teoria e a prática**”, as escolas itinerantes têm como objetivo primordial, formar sujeitos para uma ação transformadora no campo, pessoas capazes de articular teoria e prática, pois somente quem sabe ligar os conhecimentos estudados na sala de aula com o seu dia a dia é capaz de transformar a sua realidade.

(Candau e Lelis, 1983 12) apud (Veiga pág. 107), relacionam a educação tradicional, embasada somente na teoria, como sendo fruto da sociedade capitalista.

“... na questão da relação teórica-prática se manifestam os problemas e contradições da sociedade em que vivemos que, como sociedade capitalista, privilegia a separação trabalho intelectual – trabalho manual, e, conseqüentemente, a separação entre teoria e prática”.

Para Saviane (1983, 1991) identifica-a como sendo teorias crítico reprodutivistas como teoria da escola enquanto violência simbólica, teoria da escola enquanto aparelho do Estado e ainda teoria da escola dualista, outros autores como Bourdieu e Passeron, também se referem à escola tradicional como reprodutora das desigualdades sociais “(...) a função da educação é a reprodução das desigualdades sociais. Pela reprodução cultural, ela contribui especificamente para a reprodução social”

A luta dos trabalhadores rurais sem terra é a busca pelo respeito, pela humanização, pela reconstrução social e de regeneração social, para que se conquistem seus ideais, as escolas itinerantes, embasam seu currículo na prática, sendo o trabalho que enfatiza a organização do processo pedagógico, a criança necessita de experiências práticas, para que sua aprendizagem se torne mais sólida e significativa, tornando-a uma pessoa mais crítica e segura.

Os momentos em que nossas crianças se encontram na sala de aula, onde o professor explica, onde elas refletem sobre os conteúdos, fazem exercícios, erram, acertam, perguntam, é o momento onde os conteúdos são trabalhados em várias situações para poder na prática ser entendido em toda a sua complexidade, essa relação entre teoria e prática, na escola, significa organizar o currículo em torno de situações que exijam respostas práticas, que só saberão responde-las se conseguirem relacionar o que se encontram nos livros, e com as explicações obtidas em sala de aula, com a relação do seu dia a dia, com os conhecimentos adquiridos pelas suas famílias, ou mesmo o que já puderam observar em outras situações parecidas.

O grande desafio metodológico desse princípio é o de poder articular o maior número de saberes diante de situações da realidade, atingindo os objetivos que são comuns a todas as escolas, desenvolvendo em nossos alunos as habilidades de ler, escrever, calcular, e também proporcionar o desenvolvimento de outros conhecimentos da realidade, que se alterna à medida que vão ocorrendo mudanças nas necessidades dos assentamentos e na sociedade em geral.

Dando seqüência a esse princípio e basicamente com as mesmas características do anterior, o MST adotou como seu terceiro princípio **“a realidade como base da produção do conhecimento”**, esse princípio tem como objetivo o estudo da realidade e a partir dela, uma realidade que necessita ser mudada, uma realidade vivenciada por eles e motivo pelo qual eles estão em marcha, em luta, objetivando a mudança de seu assentamento, da sua comunidade, e do seu país, compreender a realidade como a bases do conhecimento significa entender o que

acontece no seu país, no mundo, para melhor entendimento da realidade vejamos Pistrak pág. 32.

“A realidade atual é tudo o que, na vida social da nossa época, está destinado a viver e a se desenvolver, tudo o que se agrupa em torno da revolução social vitoriosa e que serve à organização da vida nova. A realidade atual é também a fortaleza capitalista assediada pela revolução mundial”.

A realidade próxima se torna um excelente método pedagógico para chegar ao conhecimento da realidade mais ampla, e através da análise dos conhecimentos adquiridos o educando se torna apto a intervir no seu meio resolver as situações problemas que vão aparecendo na sua realidade que foi justamente o ponto de partida para a sua aprendizagem.

Cada escola Itinerante do campo tem suas próprias particularidades, suas próprias necessidades, o que não difere é o conteúdo curricular, que segue a norma Nacional, tornando um instrumento para que sejam atingidos os objetivos propostos, sendo esses conteúdos instrumentos para um devido fim, precisam ser escolhidos e trabalhados adequadamente, como nos mostra outro princípio pedagógico das Escolas do campo Itinerante, “**conteúdos formativos socialmente úteis**”. A quantidade de conhecimentos adquiridos pela humanidade é muito extensa torna-se impossível ensinar e aprender tudo, o currículo proposto pela escola Itinerante, procura respeitar o máximo proposto pelo governo, mas nossos professores estão sendo capacitados para trabalhar também alguns itens do currículo que estão ocultos dentre os seus tópicos, alguns deles são priorizados pela pedagogia do Movimento, Segundo o Dossiê MST, Iterra, (2005), essa escolha se concretiza através da escolha do tema gerador a ser desenvolvido em cada bimestre, a escolha desses conteúdos não é neutra eles carregam consigo objetivos educacionais e sociais mais amplos, pois eles trazem consigo interesses sociais e posições políticas, um exemplo é o ensino de história do Brasil vista de um lado pela classe dominante, como vemos nos livros didáticos, e outra vista pelos grupos dominados, dessa forma o MST procura utilizar a justiça social, selecionando os conteúdos que

estejam na perspectiva de distribuição igualitária dos conhecimentos produzidos pela humanidade e que tenham potencialidade pedagógica necessária para educar para a transformação social.

A “**gestão democrática**”, considerada como um dos princípios pedagógicos do MST é plenamente vivenciado pelo Movimento, sendo que a democracia, do ponto de vista do Movimento, é o combustível essencial para o projeto político idealizado, e tem que estar embasada em valores, como o trabalho coletivo, igualdade, autonomia, participação e humanização, e esses valores não se aprendem somente em teorias, tem que ser vivenciados pela comunidade.

Todo o processo de discussão no MST tem como princípio a gestão democrática, no qual todo o processo é construído por todos, onde todos devem aprender a tomar decisões, além de respeitar as decisões tomadas pelo coletivo, a executar, com eficiência, as decisões tomadas, apontar os erros e as conseqüências do que está sendo feito, e ter responsabilidades pelos resultados obtidos.

A estrutura orgânica do movimento funciona de forma horizontal, diferente da estrutura vertical que conhecemos como democracia representativa, ela é participativa, onde cada família ao participar dos núcleos de base, representa a si própria, como citado pelo setor de formação MST 2005:

“... a estrutura horizontal funciona em círculos, não de cima para baixo. Todos os membros da organização são importantes e tem direito a dar opiniões e sugestões para se tomar conscientemente as decisões”.

Diferente das escolas tradicionais que conhecemos, as decisões sobre a estruturação e o funcionamento da escola é função de toda a comunidade. Os diretores nomeados têm o poder legal, mas não têm o poder legítimo dentro da comunidade.

A **Auto-Organização dos estudantes** pode ser considerada uma das dimensões da gestão democrática, onde o coletivo de estudantes assume, autonomamente, a direção de parte significativa do seu processo de formação, ao mesmo tempo em que coopera na gestão coletiva. Para o MST, segundo Caldart (2004), pág. 307.

“a inclusão das crianças como sujeitos da organização traz ou reforça alguns traços da identidade que vem construindo em sua história, e que são os próprios traços que permitiram que se abrisse para essa inclusão. Reforça a perspectiva de uma organização duradoura e permanente: a luta como projeto de futuro e *de vida inteira*; o princípio de *educar gerações*, e então as novas ênfases pedagógicas ligadas à cultura, aos valores, como forma de fazer a ligação entre as novas gerações e o projeto histórico do MST...”

Na Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira, como em outras escolas do campo Itinerante, há um professor e dois alunos escolhidos pela turma, que se tornam mediadores entre essa turma, a direção e a coordenação pedagógica.

Independente das atividades desempenhadas por cada militante, por cada grupo, ou por cada turma, o importante é que essas atividades fortaleçam a proposta e o projeto político da classe trabalhadora, e para que isso se concretize é necessário que haja **“o vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos”**, a educação deve ser o instrumento que nos permita pensar a realidade e nos posicionar quanto a ela, é sempre uma prática política, à medida que se insere dentro de um projeto de transformação ou mesmo de conservação social, o vínculo orgânico entre educação e política, que muito se trabalha nas escolas itinerantes e nos cursos de formação desenvolvidos pelo MST, significa fazer com que a política invada os processos pedagógicos, alimentando a indignação ética diante das situações de injustiça e de indignidade humanas, canalizando este sentimento de indignação para o despertar da necessidade de mudanças sociais e individuais.

“Toda e qualquer sociedade deve ter consciência dos direitos que as pessoas que a compõe possuem; o principal deles deve ser o direito de viver em nível de igualdade. Este princípio orienta a justiça social... __ A indignação torna-se, pelo que vejo – comenta Raimunda – um dos principais fundamentos no desenvolvimento da filosofia dos valores, pois, ao mesmo tempo que incentiva as pessoas a lutar, vai desenvolvendo nelas a consciência política, faz com que perceba e se acostume a reagir a qualquer injustiça cometida contra qualquer ser vivo.”

Ademar Bogo (2003) págs. 277/278

A Escola Itinerante Valmir Mota de Oliveira, como todas as outras escolas do campo Itinerantes, reúnem seus alunos no pátio para o Tempo Formatura, onde

todos cantam o hino do movimento e cada sala apresenta a palavra de ordem desenvolvida pela turma e que demonstra a formação política já nos anos iniciais do ensino fundamental, estas foram as palavras de ordem criadas pelos alunos da 5ª série.

“5ª série chegou, chegou para ficar, lutando pela terra e o direito de estudar”. (Alunos 5ª série D - Escola Valmir Mota de Oliveira)

A proposta desenvolvida nas escolas do campo em assentamentos do MST enfatiza o estudo de história e da economia política, busca desenvolver atividades e ensinar conteúdos, intencionalmente, voltados à formação político ideológico de todos os envolvidos na educação, buscando desenvolver processos de crítica e autocrítica coletiva e pessoal, visando avançar a coerência entre o discurso político e a prática política.

Para o MST é importante vincular também o processo de educação com a inserção concreta dos educandos em algum tipo de processo econômico, é necessário **vincular organicamente a educação com a economia**, Ribeiro (2010), na sua obra O Movimento Camponês Pág. 196 cita que:

“A finalidade da escola rural está comprometida com a lógica da produtividade, daí porque, mesmo não estando expressa em seus objetivos, metodologias e currículos, a expropriação da terra do agricultor familiar está implícita na sua natureza e na sua concepção em que o mundo urbano impõe-se sobre o mundo rural e o subordina. A finalidade de uma escola do campo é a formação do trabalhador e da trabalhadora rurais com competência para enfrentar os desafios da produção e da vida contemporânea.”

Esta inserção vai desde fazer o levantamento de preços de produtos até conhecer de perto unidades de produção (indústrias ou agroindústrias), obtendo subsídios para adequar os conteúdos aos objetivos propostos, que não se deve confundir com os objetivos da economia no sentido capitalista que reproduz a exploração, a dominação e a exclusão, pois o que se objetiva nesse princípio é a transformação deste modelo econômico proporcionando aos educandos novas experiências a partir do modelo econômico capitalista e experimentando outros tipos de relações que não vê a economia como a única dimensão importante na vida

humana. Entender as regras de funcionamento do mercado no que se trata de comercialização de bens e serviços produzidos através do desenvolvimento de experiências do trabalho como geração de renda. Esses vínculos são fundamentais não se pode abrir mão deles, principalmente nos processos pedagógicos que visem à capacitação em organização.

Assim como, a educação deve estar vinculada à economia, **o vínculo orgânico entre a educação e cultura** é primordial para a educação produzida nas escolas do campo Itinerante, pois a educação pode ser considerada ao mesmo tempo um processo de produção e socialização da cultura e ainda ser um processo de transformação social, e o objetivo maior proposto pelo MST para as suas escolas itinerantes do campo é produzir uma nova cultura, uma cultura da mudança, que tem o passado como referência, Paulo Freire (1971) em sua obra Extensão ou comunicação, apud Souza (2010) pág. 289 cita que: “O homem não é apenas o que é, mas também o que foi”, e acrescenta: “Há, dessa forma, uma solidariedade entre o presente e o passado, em que o primeiro aponta para o futuro, dentro do quadro da continuidade histórica.”.

Durante a realização das Místicas que são realizadas, frequentemente, nos cursos de formação promovidos pelo MST junto a SEED, percebe-se que existe uma grande preocupação com a cultura e a política, geralmente elas retratam a força do homem do campo, sua origem e suas necessidades, procuram representar e expressar o seu jeito de viver, de entender e de sonhar o mundo.

Os educadores das séries iniciais do ensino fundamental, das escolas Itinerantes, são pessoas escolhidas pela própria comunidade, independente de sua formação, esse fato tem gerado muitas controvérsias junto aos professores das séries finais do ensino fundamental, que tem formação na área em que trabalha, mas essa opção do movimento está ligada a Itinerância, onde o educador tem que acompanhar a escola, e o fato de que muitos professores das redes oficiais que eram enviados para a escola não conhecerem os princípios do movimento, como

nos mostra Caldart (2004) pág. 245, no depoimento de Margarete Santin, professora.

“... em alguns casos, professores que vinham de fora questionavam e colocavam assim: “olha, se o seu pai for para a ocupação isso é crime; se o cara lá tem terra é porque ele trabalhou, ele é dono”, então criava um conflito assim muito forte na cabeça das crianças; então começou toda essa discussão... que educação nós queremos? Vamos continuar reproduzindo que ocupar terra é crime..., vamos continuar dizendo para nossos filhos que somos ladrões...?”

Esse fato fez com que o MST desenvolvesse mais um dos seus princípios o de **Criação de coletivos pedagógicos e formação dos educadores/ das educadoras**, esses educadores se reúnem para planejamento e avaliação das aulas, e também um tempo de estudo semanal, é essencial para o movimento de que, quem educa também tem que se educar continuamente. Para Caldart (2005) pag. 120, “a escola é lugar de estudo, porque é lugar de formação humana, e não ao contrário.” E complementa:

“Quando os educadores se assumem como trabalhadores do humano, formadores de sujeitos, muito mais do que apenas professores de conteúdos de alguma disciplina, compreendem a importância de discutir sobre suas opções pedagógicas e sobre que tipo de ser humano estão ajudando a produzir e a cultivar.”

3 CONSIDERAÇÕES

As Escolas Itinerantes do Campo estão vinculadas à luta social pela reforma agrária e pela conquista dos direitos da cidadania para as classes trabalhadoras. Escola pública, fruto do sonho de muitos trabalhadores rurais sem-terra, que são os protagonistas na luta por uma educação do campo, para o campo e no campo, que tem sua gestão compartilhada entre os membros da comunidade, e orientada pela pedagogia do Movimento, que não é uma nova pedagogia criada pelo MST, mas sim um jeito de fazer educação denominada pedagogia do movimento, por ter o Sem Terra como sujeito educativo e ter o MST como sujeito da intencionalidade

pedagógica sobre esta tarefa de fazer educação, e também porque se desafia a perceber o movimento do Movimento, a transformar-se transformando.

4 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARROYO, Miguel Gonzáles, CALDART, Roseli Salete, MOLINA, Mônica Castagna (org.) POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Bogo, Ademar. Arquitetos dos Sonhos – 1ª Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2003.

Cadernos da Escola Itinerante – MST, Ano II – Nº. 3 – PESQUISAS SOBRE A ESCOLA ITINERANTE: REFLETINDO O MOVIMENTO DA ESCOLA, Produção MST/PR e SEED, Abril de 2009.

Cadernos da Escola Itinerante – MST, Ano VIII – Nº. 1 – ESCOLA ITINERANTE DO MST: HISTÓRIA, PROJETOS E EXPERIÊNCIAS, Abril de 2008.

Caderno de Educação nº. 13 – Edição Especial – DOSSIÊ - MST ESCOLA, Produção Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – ITERRA, 2005.

Cadernos do ITERRA, Ano II – nº. 6 PEDAGOGIA DA TERRA, 2002.

Caldart, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento Sem Terra. 3ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2004.

Caminhos e Descaminhos da Educação do Campo: Um Projeto de Intervenção Político-Pedagógico no Contexto Rural

http://www.fja.edu.br/praxis/praxis_02/documentos/artigo_3.pdf acessado 15 de março

CAMINI, Isabela. *Escola Itinerante: na fronteira de uma nova escola*. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Pistrak, *Fundamentos da Escola do Trabalho*. Tradução Daniel Aarão Reis Filho. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

Ribeiro, Marlene. *Movimento Camponês, Trabalho e educação; liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana*. 1ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

_____ *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 1983.

Souza, Ana Inez (org) Paulo Freire: *Vida e Obra*. 2ª ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Veiga, Ilma Passos Alescastro, *A Prática pedagógica do professor de didática – campinas*, SP: Papyrus, 1989.